

# Nota do Editor



## NÃO HÁ FIM

**G**ostaria de perceber o tempo parar, impedir o relógio de badalar as horas, jurar que não vai sulcar seu caminho, aquela trilha infinita, que no famoso quadro dos campos de trigo de Van Gogh perde-se numa curva do horizonte, como se em breve anunciasse o fim ou o fim que nunca se avista, pois quando se o alcança, a estrada já fez outra curva mais ao longe. Pudera! Não é assim. Melhor para a humanidade, assim a realidade se transforma sempre em algo novo. O que ficou foram as marcas de um trabalho em etapa superada, as lembranças do que foi cuidadosamente semeado. As imagens bucólicas do relógio esquecido de marcar as horas metaforizava aquele mundinho estático no qual nos sentíamos seguros. O tempo seria somente percepção humana, não um ente do universo a nos cutucar para ir em frente. Mas, os desafios estão aí. A Santa Cruz seria sempre a pequena faculdade de bairro, distante num desvão de Curitiba, na parte Sul que envereda para os campos da Lapa. Foi o que ficou.

A Santa Cruz cresceu. Continua como uma faculdade de bairro. Mas, não é mais aquela pequena instituição de ensino superior dividindo espaço anônimo com tantas outras. Destacou-se. É vista. Lembrada. Notada. É reconhecida como organismo promotor do ser humano, da cultura, da integração social, da transformação de atitudes e de preleções fluentes em ações palpáveis. Completaram-se 14 anos de paciente e persistente trabalho conjunto, sabendo agremiar as contribuições do corpo docente e discente, sabendo envolvê-los em projetos compartilhados de construir algo significativo para a comunidade, tanto cultural quanto material. E esses anos voaram. Somos seres materiais, de carne, nervos, ossos, matéria e energia físico-química ao juízo dos descrentes. Para os crentes, somos alma para além da matéria. Mas, tanto para crentes quanto aos descrentes, esse corpo requer as luzes da cultura, do espírito criador, para não ser inoperante, vazio de sentido. Necessitamos do pão da cultura, sem o qual a carne nem sabe por onde andar. Nem sabe o que de si fazer.



Foto: Pedro Moreira da Silva Neto

E a revista das Faculdades Santa Cruz celebra esta caminhada com novos artigos que procuram divisar o todo. Esquecer a antiga página aonde os conhecimentos eram apostos de forma estanque, pouco interligados, aquela elucubração enfiada em solitário pensamento dividido consigo mesmo. O mundo lá fora é multicolorido, imbricado, irregular, caótico, mas mundo sem fundo. O pensamento deve refletir esse vozerio ambulante e vivo. Captar o universo das cores, expressá-lo com energia. Sim, como nas pinturas inconformadas de Van Gogh, na busca sôfrega de retratar a vida. Esta missão está sendo cumprida ao pé da letra ao persistir no horizonte da educação continuada. De fato, não há fim para isso. Há recomeços. Somente. A curva sempre mais ao longe.

Nesta edição, sobressaem algumas dessas raiantes pinturas humanas do conhecimento: a entrevista da pianista e professora Olga Kiun, convidada especial para descerrar as comportas da Santa Cruz. Às visitas sempre se reserva lugar de relevo e uma menção ao artigo dos professores Roger Steppan e Marcelo Barbosa sobre o avanço da informática no campo da robótica em preanúncio das conquistas da ciência. Quanto aos demais estudos, igualmente meritórios, também possuem suas cores vivas com luz própria para expressar as tantas facetas de nossa cosmogonia azul, vagueante da Via Láctea.

Boa Leitura!

**Editor Chefe**  
*José da Silveira Filho*